

# PRAXIA FINA DE ESCOLARES DO ENSINO FUNDAMENTAL DE ESCOLAS DA REDE MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO

RODRIGO ALEXANDRE P. COUTINHO<sup>1</sup>; ANA PAULA ALBERGARIA<sup>2</sup>  
MARCIA ALBERGARIA<sup>1</sup>

<sup>1</sup>Curso de Educação Física. - Campus Akxe. Universidade Estácio de Sá; Rio de Janeiro/RJ – Brasil.

<sup>2</sup>Instituto de Puericultura e Pediatria Martagão Gesteira – Hospital Universitário Clementino Fraga Filho- Universidade Federal do Rio de Janeiro. Brasil  
[mba2802@gmail.com](mailto:mba2802@gmail.com); [rodrigocouti07@hotmail.com](mailto:rodrigocouti07@hotmail.com)

## INTRODUÇÃO

A Educação Física escolar é uma disciplina que faz parte da educação básica de ensino que abrange a escola pública e privada. Tendo início na educação infantil, e término no ensino médio. Essa prática tem a característica de promover nos alunos o desenvolvimento motor, lúdico, afetivo, físico e cognitivo, através de atividades ou exercícios físicos que atuam na complementação corporal do ser humano. Sendo também primordial no aprendizado da criança e do adolescente na fuga de sua obrigação diária (SOUZA; PEIXOTO, 2006).

A Educação Física para muitos só significa o ganho no aprendizado motor e físico, mas na verdade sua aplicação gera uma gama de possibilidades na promoção da saúde de seus alunos. Os profissionais de Educação Física são preocupados e bastante empenhados na formação corporal e mental do aluno. Hoje pode-se dizer que a contribuição da Educação Física escolar é de suma importância na construção do jovem culto, social e cidadão, que busca seu ideal sabendo dos seus direitos e deveres perante a sociedade. É obrigação da escola e dos profissionais de Educação Física o dever complexo e altamente humano de continuar com o processo educativo familiar, priorizando nas suas práticas pedagógicas os valores éticos e morais, integrando o conhecimento e a educação para gerar a cidadania (MARQUES, 2009).

Segundo Tani (2005), quando a criança interage nas atividades motoras livre e espontaneamente, onde o lúdico se faz presente, ela só para de movimentar quando suas forças se acabam.

Segundo, (LDBEN, 1996) na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), o artigo 26, parágrafo 3º, diz que a Educação Física é instrumento curricular obrigatório na educação infantil; seu artigo 27, inciso I, diz que a disciplina promove o esporte na educação básica e também nas atividades esportivas não-formais.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN; 1997), que são referência de trabalho, pois possuem o objetivo de melhorar a Educação Física, com o intuito de mudar o foco na aptidão física e no desempenho padrão fazendo uma Educação Física mais ampla nas diversas práticas corporais que podem simplificar as formas de aprendizado e ensino, possibilitando ao aluno maior desenvolvimento prático e conceitual introduzindo a afetividade, o cognitivo e as formas socioculturais. É dever da educação física escolar, garantir aos alunos o acesso às práticas corporais, favorecendo a construção de uma identidade própria na maneira de exercê-las, oferecendo materiais capazes de produzir essa prática.

A Educação Física que por um longo tempo teve seu trabalho voltado apenas para o desenvolvimento da estética, se depara hoje com uma visão específica de movimentos dentro da atividade física, o que é praticamente impossível, por que o corpo está diretamente ligado a mente. Esse movimento é primordial no desenvolvimento psicológico das crianças e dos adolescentes, pois trabalham as relações do ser com o meio. Dessa forma há uma enorme importância no trabalho que integra a prática motora com o psíquico, na intenção de melhorar o desempenho que favorece os alunos no aprendizado (CEZÁRIO, 2008).

A criança que está matriculada no ensino fundamental, trás consigo peculiaridades e hábitos que lhe fazem conhecedor do próprio corpo, por fazer parte de sua cultura genética.

Por isso cabe à escola e aos professores criar situações que promovam e aumentem o conhecimento da criança na resolução de problemas, fazendo os alunos se adaptarem a uma diversidade de costumes, evitando o afastamento e a inibição na participação das aulas de Educação Física escolar (NEIRA, 2007).

O desporto sempre esteve inserido no cotidiano das pessoas e principalmente dos adolescentes. A atividade escolar é um mecanismo utilizado constantemente nas redes públicas e privadas de ensino do Rio de Janeiro. Muitas vezes as escolas privadas são vistas como grande referência na prática esportiva, e isso contribui muito na visibilidade e divulgação da escola. Algumas vezes a escola surge como forma de promover atividade física e saúde através do esporte, além de beneficiar a mudança no caráter das pessoas. Um fato divulgado diz que a participação nas atividades traz melhorias importantes na vida dos indivíduos. A escola é o lugar onde é realizado o primeiro contato da criança com o esporte, porque as grandes metrópoles e centros não disponibilizam áreas para a realização de práticas coletivas de forma efetiva (SANTOS; SIMÕES, 2007).

Atualmente os jovens se ocupam muito, e destinam cada vez menos tempo para as práticas esportivas, seja por falta de espaços que favoreçam estas atividades ou por não terem interesse em fazer qualquer atividade que seja. Dessa forma, a escola deve trabalhar na divulgação de informações que abordem conceitos relacionados à saúde, ociosidade e sedentarismo, além da atuação prática dos profissionais nas aulas de Educação Física, contribuindo no sentido de aumentar diariamente os níveis de atividade física nas crianças e nos adolescentes (CELESTRINO; COSTA, 2006).

Divulgar para o profissional atuante, estudantes, críticos e interessados no estudo em questão, como a Educação Física pode ajudar na geração social dos alunos, contribuindo para o crescimento da profissão, reconhecimento e a credibilidade que falta aos profissionais de Educação Física no âmbito escolar e na sociedade.

O presente estudo se justificará pela insuficiência de trabalho e artigos na área da Educação Física escolar. Estimular os profissionais desta área, a ter uma maior dedicação e atenção pela sua profissão, no que diz respeito ao planejamento, elaboração e aplicação de suas aulas dentro das escolas, atuando principalmente na Educação Infantil que está defasada por conta do pouco empenho e criatividade de muitos profissionais. Inserir atividades esportivas, culturais e sociais no intuito de promover as competências na vida da criança no início do aprendizado escolar.

O estudo teve o objetivo de comparar os níveis de desenvolvimento óculo motor responsáveis pelos movimentos de praxia fina, em alunos de ambos os gêneros com faixa etária entre 10 e 13 anos, praticantes de Educação Física Escolar, identificando se existe diferença significativa na praxia fina entre ambos.

## **METODOLOGIA**

O estudo foi do tipo exploratório e descritivo. Descritivo por utilizar como instrumento de coleta de dados testagens num só momento, gerando um levantamento de informações e por não ter intenção de gerar interferência no grupo estudado; somente será feita descrição da situação que ele se encontram (THOMAS; NELSON; ZIMERMAN, 2007).

O presente estudo atende as Normas para a Realização de Pesquisa em Seres Humanos, Resolução 196/96, do Conselho Nacional de Saúde, de 10/10/1996.

Os sujeitos dos estudos foram selecionados de forma intencional, não probabilística. Foram 70 crianças de ambos os sexos, aparentemente saudáveis (ACSM, 2002), com idade entre 10 e 13 anos, sendo 35 meninos e 35 meninas, todos pertencentes ao 4º e 5º ano do ensino fundamental de uma mesma escola de ensino público, localizada no bairro da Barra da Tijuca, município do Rio de Janeiro.

O instrumento utilizado foi composto por 2 sub-testes do protocolo modificado de Bruininks-Oseretsky (ALBERGARIA 2008). Os sub-testes 7 e 8, selecionados, correspondem ao controle

visual e motor, e são compostos por três itens que avaliaram a capacidade de coordenar movimentos manuais precisos com movimentos visuais.

Neste estudo denominaremos os protocolos de sub-testes 7 e sub-testes 8, como sub-testes A, sub-teste B, sub-teste C e sub-teste D consecutivamente, por ordem didática, para realização das tarefas pelos sujeitos, considerados do mais simples para o mais complexo.

O primeiro, o sub-teste A, foi o desenho de uma linha através de um caminho reto, com a mão preferida (pontuação máxima=4,0 pontos).

Os sub-testes B e C eram semelhantes. Nestes o aluno deveria usar a mão preferida para copiar formas geométricas (círculo e dois lápis sobrepostos, respectivamente), com pontuação máxima de 2 pontos.

Haverá somente uma tentativa em todos os 3 primeiros sub-testes

No sub-teste D, os alunos deveriam fazer pontos nos círculos com a mão preferida em 15 segundos (ficha especial com 130 pequenos círculos, com diâmetro de 1,1 cm, onde o executante deverá marcá-los com um ponto no seu interior).

Os pontos deveriam ser feitos da esquerda para a direita e de cima para baixo, sem que a ficha de avaliação (Anexo 4) deste teste girasse mais que 45°. Foi permitido ao aluno fazer 1 experiência antes do teste. Serão considerados incorretos quando os pontos estiverem na borda ou no exterior dos círculos. Conforme o número de círculos corretos, haverá a pontuação segundo a tabela referenciada no protocolo (pontuação máxima = 10,0 pontos).

Os dados coletados foram tratados de forma quantitativa por meio de procedimentos da estatística descritiva, média e desvio-padrão e, numa segunda etapa por meio de estatística inferencial, teste t de Student pareado para  $p < 0,05$ .

## ANÁLISE DOS DADOS

Foram voluntários para o estudo 70 crianças, onde 35 eram do sexo feminino, com idade média de  $10,89 \pm 0,96$  anos de idade, e 35 do sexo masculino, com idade média de  $11,2 \pm 1,05$  anos de idade, estudantes de escola municipal localizada no bairro da Barra da Tijuca no Rio de Janeiro.

Ao realizarem o sub-teste A de Praxia Fina, onde deveriam, com sua mão “preferida”, traçar uma linha reta através de um caminho pré-determinado, as meninas obtiveram uma média de 1 erro e uma média de pontos de  $3,2 \pm 0,93$ , enquanto os meninos obtiveram uma média de erros menor que um (0,86), totalizando uma média de  $3,29 \pm 0,83$  pontos de acerto. Ambos os grupos obtiveram então uma pontuação próxima a pontuação máxima possível segundo o protocolo, que seria de 4 pontos (Figura 1).

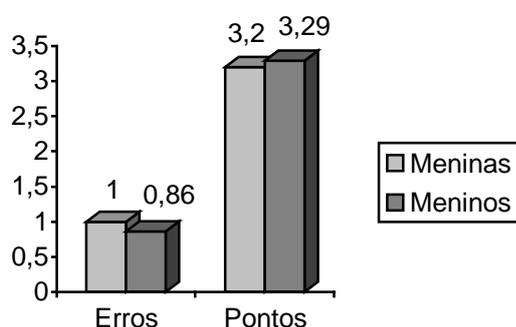


Figura 1: Resultados do Sub-Teste A de Praxia Fina

Estes resultados vão de encontro com o encontrado por Abreu (2009), com relação aos pontos obtidos em ambos os sexos. Porém, ao se comparar meninas com meninos, os resultados obtidos neste estudo concordam com estudo de Abreu (2009), onde os meninos obtiveram uma pontuação superior a das meninas.

Nos Sub-Testes B e C de Praxia Fina, a realização destes é semelhante, onde os sujeitos deveriam copiar com a mão “preferida” as formas geométricas que compreendem um círculo e dois clips sobrepostos, respectivamente. Sem tirar o lápis do papel e utilizando uma tentativa apenas, as meninas tiveram uma média de pontos inferior a um ( $0,89 \pm 0,32$ ) no Sub-teste B (círculo), próxima a média obtida pelos meninos, que foi de  $0,91 \pm 0,28$  pontos. No sub-teste C (dois clips), tanto as meninas quanto os meninos alcançaram a mesma pontuação de  $0,11 \pm 0,32$  pontos (Figura 2).

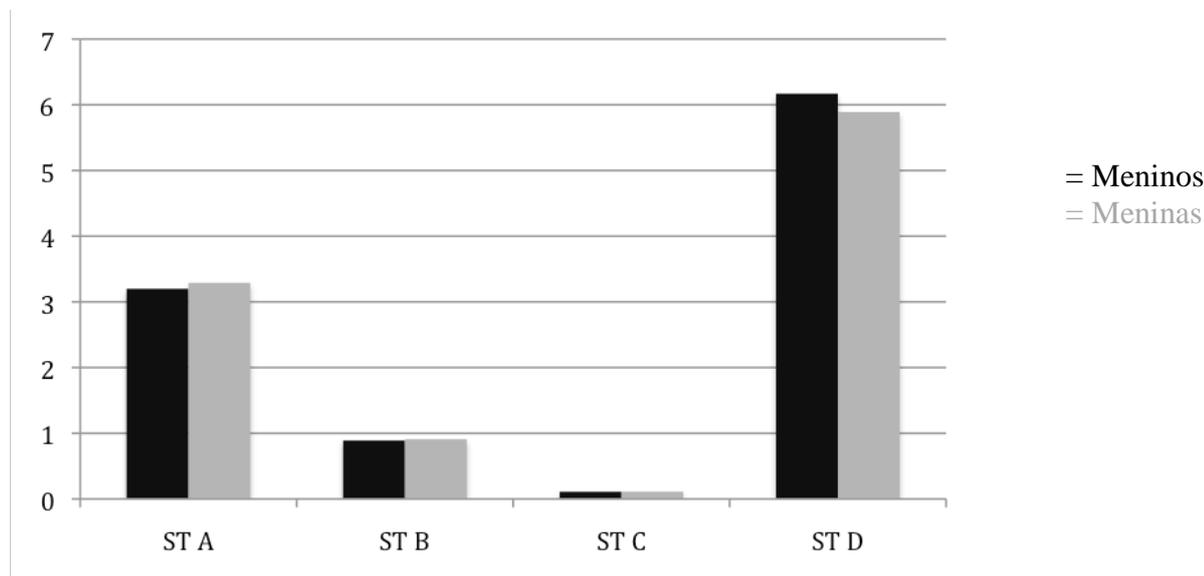


Figura 2: Media de pontos de cada Sub-teste (ST) por sexo.

Os resultados são divergentes, com o encontrado por Abreu (2009), com relação aos pontos obtidos em ambos os sexos e na comparação meninas com meninos. Por que no estudo de Abreu (2009), o número de pontos obtidos pelos meninos testados é superior ao das meninas.

No Sub-teste D de Praxia Fina, os sujeitos deveriam fazer pontos em círculos com a mão “preferida”, utilizando uma ficha especial com 130 pequenos círculos, com diâmetro de 1,1 cm, onde o sujeito marcará um ponto no seu interior, marcando o maior número possível em 15 segundos. As meninas obtiveram a pontuação média de acertos entre  $6,17 \pm 1,04$  pontos, sendo superior aos meninos que obtiveram a pontuação média de acertos entre  $5,89 \pm 0,93$  pontos.

Esses resultados vão ao encontro com o encontrado por Abreu (2009), com relação aos pontos obtidos em ambos os sexos. Porém, ao se comparar meninas com meninos, os resultados obtidos neste estudo discordam com estudo de Abreu (2009).

Nos testes supra-citados acima, ambos os gêneros obtiveram média de pontuação mais equilibrada no sub-teste B e C (círculo e clips), onde a pontuação máxima obtida poderia ser de 2 pontos. Considerando que se tratava de um teste com média de pontuação baixa em relação aos demais testes, observa-se que a média obtida entre ambos foi relativamente equilibrada no clips ( $0,11 \pm 0,32$ ) e uma leve superioridade dos meninos no círculo ( $0,91 \pm 0,28$ ) em relação as meninas ( $0,89 \pm 0,32$ ).

Apos a estatística descritiva realizou-se a análise inferencial mediante teste T- Student para grupos diferentes. Não havia diferença significativa entre as faixas etárias comparando os sexos ou seja, o grupo quanto a idade era homogêneo. Em todos os sub-testes não houve diferença significativa (para  $p < 0,05$ ). Quando verificando a diferença entre as medias de meninos e meninas em cada sub-teste obteve-se os valores de p ilustrados na tabela 1.

	Sub-teste A	Sub-teste B	Sub-teste C	Sub-teste D
<b>Meninas X</b>				
<b>Meninos</b>	0,34	0,34	0,50	0,11

Tabela 1: Valores de p resultantes da comparação entre medias dos pontos dos Sub-testes entre os sexos.

Segundo Galatti e Paes (2006), o melhor momento para exploração de algumas capacidades físicas e motoras, é a idade compreendida entre 12 e 13 anos, onde é fundamental a variação de estímulos; pois nessa idade a criança é capaz de compreender os jogos e tarefas de modo lógico, explorando a sua múltipla inteligência também neste sentido. A criança seria capaz de dispor de um corpo operatório, em condições de exercer a ação de domínio corporal na produção de gestos motores a partir dos 12 anos de idade (LE BOULCH, 1982), citado por MATTOS e KABARITE (2005). O grupo estudado parece estar, em termos de coordenação abaixo do esperado para a idade logo, podendo comprometer a realização de gestos e atividades motoras específicas refinadas.

## CONCLUSÕES

De acordo com o estudo realizado ocorreram diferenças entre os gêneros para o sub-teste A, e sub-teste B. Entretanto no sub-teste C a pontuação foi semelhante em ambos os sexos. No sub-teste D houve diferença entre os gêneros, considerando as meninas com uma melhor classificação entre os pontos obtidos. Observando-se a alta média de idade e a vivência da pré-escola fatos que, poderiam gerar melhores respostas a bateria de testes Provavelmente, a especificidade dos gestos abordados nos testes tenha dificultado as respostas dos alunos. Seria imprescindível, que o grupo estudado tivesse mais atividades motoras envolvendo praxia fina, em suas aulas de Educação Física escolar pois, já se encontram em faixa etária que pressupõe controle visomotor ate mesmo para atividades diárias como a escrita.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, P.A.A., Universidade Estácio de Sá, Rio de Janeiro, 2009.
- ALBERGARIA, M.B. Comportamento e Controle Motor. Notas de Sala de Aula, Universidade Estácio de Sá. Rio de Janeiro, 2008.
- BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB; 1996). Lei nº. 9.394. 20 de dezembro de 1996: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm) Acesso em 03/09/2010. 18:43
- BRASIL, Lei 2619/98 | DISPÕE SOBRE A ESTRUTURA ORGANIZACIONAL, PEDAGÓGICA E ADMINISTRATIVA DA REDE PÚBLICA, Lei Nº 2619 de 16 de janeiro de 1998 do Rio de Janeiro: <<http://www.jusbrasil.com.br/legislacao/269274/lei-2619-98-rio-de-janeiro-rj>> Acesso em 15/09/2010. 17:18
- CELESTRINO, J. O. ; COSTA, A. dos S. A prática de atividade física entre escolares com sobrepeso e obesidade. Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte, v. 5, n. esp. São Paulo, 2006: < <http://www3.mackenzie.br/editora/index.php/remef/article/viewfile/1896/1368> > Acesso em: 01 set. 2010.
- CEZÁRIO, A. E. S. Influência da atividade física no desenvolvimento motor e rendimento escolar em crianças do fundamental. 2008. 28 f. Monografia (Licenciatura em Educação Física) – Universidade Estadual Vale do Acaraú, Caucaia, 2008: <<http://boletimef.org/biblioteca/1740/influencia-da-atividade-fisica-no-desenvolvimento-motor-e-rendimento-escolar>> Acesso em: 20 set. 2010.
- GALATTI, L.R.;PAES, R.R., Movimento & Percepção, Espírito Santo do Pinhal, São Paulo, v.6, n.9, jul/dez, 2006.
- GALLAHUE, D.L.; OZMUN, J. C. Compreendendo o Desenvolvimento Motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. São Paulo: Phorte, 2001.
- MARQUES, M. N. et al.Os desafios da prática pedagógica na Educação Física Escolar para a construção da cidadania. Congresso Internacional de Educação Popular e Seminário Internacional de Educação Popular, v. 9, n. 18, Santa Maria, 2009:

<<http://boletimef.org/biblioteca/2417/os-desafios-da-prática-pedagogica-na-educação-física-escolar> > Acesso em: 01 set. 2010.

MATTOS, VERA L.; KABARITE, ALINE. **Perfil Psicomotor: Um olhar para Além do Desempenho**. Universidade Estácio de Sá: Ed.Rio, 2005.

MONTEIRO, M. XI Congresso Ciências do Desporto e Educação Física dos países de língua portuguesa. Desenvolvimento Motor em contexto: um desafio de pesquisa para profissionais de Educação Física. Revista Brasileira de Educação Física Esportiva, São Paulo, v. 20, s. 5, p.121-23, set. 2006: <<http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/v%2020%20supl5%20artigo29.pdf>> Acesso em: 02 set. 2010.

NEIRA, M. G. Valorização das identidades: a cultura corporal popular como conteúdo do currículo da Educação Física. Revista Motriz, Rio Claro, v.13, n.3, p. 174-180, jul/set. 2007: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/motriz/article/view/820/885>> Acesso em: 20 set. 2010.

NOBRE, F. L. A influência da Educação Física no estilo de vida lúdico-esportivo de jovens do ensino médio. Revista Ciência Online, Rio de Janeiro, v. 3, n. 9, set. 2009.

OSERETSKY, BRUININKS; Testes de proficiência motora. 1974. Modificado em 1986. Parâmetros Curriculares Nacional: Educação Física/ Secretaria do Ensino Fundamental-Brasília: MED/sef, 1996: <<http://www.zinder.com.br/legislacao/pcn-fund/EF12.htm>> Acesso em: 03 set. 2010.

SANTOS, A. L. ; SIMÕES, A. C. A influência da participação de alunos em práticas esportivas escolares na percepção do clima ambiental da escola. Revista Portuguesa de Ciência do Desporto, Porto, v. 7, n. 1, Jan / Abr, 2007: <<http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/rpcd/v7n1/v7n1a04.pdf> > Acesso em: 03 set. 2010.

SOUZA, M. P. ; PEIXOTO, R. C. A contribuição da Educação Física para alfabetização. EF Deportes Revista Digital – Buenos Aires, Rio de Janeiro ano 11, n. 99, ago, 2006. Disponível em: < <http://www.efdeportes.com> > Acesso em: 27 ago. 2010.

TANI, G. ; et. al; Educação Física Escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista. São Paulo: EPU, 2005.